

A INFOGRAFIA E A HISTÓRIA DA EPIDEMIA DE CÓLERA NA LONDRES DE 1854

Wallace Gonçalves Pereira
UFRJ
wallacegpereira@gmail.com

Erica Cristina da Silva Gomes
Doutoranda HCTE-UFRJ
assessoraerica@yahoo.com.br

RESUMO

Neste trabalho, mostramos de maneira resumida como o médico inglês, John Snow, mesmo sem uma percepção teórica, fez uso da infografia para comprovar sua teoria científica a respeito do surto de cólera, que acometeu a cidade de Londres, no século XIX. Ao elaborar um mapa, Snow lançou mão de uma estratégia de representação gráfica planejada, que foi diagramada a fim de facilitar a compreensão dos conteúdos pelas autoridades médicas e governamentais. Ao recorrer à infografia, a teoria miasmática de transmissão da doença, que vigorava na época, foi superada e a nova tese foi aplicada, permitindo conter o surto devastador.

Palavras-Chave

infografia, recurso de comunicação, história da saúde pública, cólera

Introdução

Acreditamos que a utilização do que consideramos infografia¹ foi fundamental para a comprovação da teoria científica apresentada pelo médico inglês, John Snow, em relação ao surto de cólera ocorrido no século XIX, em Londres. Para tanto, recorreremos ao relato do acontecimento histórico britânico presente no livro "O Mapa fantasma: como a luta de dois homens contra o cólera mudou o destino de nossas metrópoles" (JOHNSON, 2008).

¹ Conforme será apresentado ao longo do artigo existem várias concepções a respeito de infografia, que consideramos complementares.

Para analisar, de forma sintética, o que provavelmente é o primeiro registro do uso da infografia moderna nas ciências, recorreremos a algumas definições de diferentes teóricos. Ao trabalharmos com estes conceitos de infografia, pretendemos exemplificar de que forma Snow se apropria deste recurso de comunicação em prol da saúde pública.

A infografia como recurso que transcende tempo e espaço

Ao vislumbrarmos de maneira breve a história da infografia, há quem identifique algumas de suas manifestações nas pinturas rupestres (a “infografia” do homem de Neanderthal), nos vasos mesopotâmicos ou nos ideogramas chineses, por exemplo. Na nossa concepção, em tempos mais contemporâneos, a infografia também esteve presente a serviço da ciência em um acontecimento específico de saúde pública. Nos referimos ao surto de cólera que aconteceu no século XIX no distrito de Soho, em Londres. De acordo com a descrição do episódio, presente no livro de Johnson, consideramos que tal recurso foi fundamental para o esclarecimento da forma de contágio da referida doença.

Na ocasião, Snow encontrou-se frente a um desafio para comprovar que o cólera era transmitido através da água contaminada, ao invés do que se convencionou chamar de miasma. Naquele cenário, os microorganismos ainda não eram conhecidos pela medicina e a teoria miasmática das doenças predominava, pois já era tradicionalmente respeitada desde o século XVII. A comunidade de médicos e pesquisadores que acompanhava o caso defendia que a falta de ventilação adequada, o cheiro ruim e o ar pestilento, provocados pelos dejetos dos moradores amontoados nas ruas, transmitiam a doença.

Frente a este cenário de oposição, como Snow conseguiu o reconhecimento das autoridades médicas e governamentais?

A infografia como estratégia

Jonhson (2008) relata em seu livro, que a epidemia de cólera, que teve início em 30 de agosto de 1854, contabilizou 578 vítimas fatais num curto período de 10 dias. Snow pôde acompanhar a dispersão do contágio entre os moradores. Com a ajuda do reverendo Henry Whitehead, conseguiu os registros de cada vítima e onde elas residiam.

Para sustentar seu argumento frente às autoridades médicas e propor soluções para conter o avanço da doença, Snow lançou mão de uma estratégia não convencional para a época, uma vez que apenas as suas opiniões não vinham surtindo o resultado esperado. De acordo com nosso entendimento, tal tática utilizada pelo médico inglês seria um exemplo de infografia, pois o pesquisador utilizou recursos gráficos como aliados para traduzir as suas ideias.

Para tanto, inicialmente, nos baseamos na definição trazida por Cairo (2008, p. 22), que define infografia como uma representação diagramada de dados. Para o autor, qualquer infográfico é considerado diagrama, no que se refere à reprodução abstrata de uma realidade.

Neste sentido, como representar, com nitidez, o cenário propiciador do surto de coléra em Londres? Kanno e Brandão (1998, p.2) consideram a infografia como o recurso gráfico que se utiliza de elementos visuais para explicar algum assunto ao leitor. Esses elementos visuais podem ser tipográficos, gráficos, mapas, ilustrações ou fotos. No caso, de Snow, ele elaborou um mapa para apresentar mais claramente o panorama responsável pela epidemia.

Ao usar este recurso, o pesquisador conseguiu transmitir os dados que precisava para os seus pares, fazendo valer a concepção de Braga, (2009 apud Lapolli; Vanzin; Ulbricht, 2013, p. 4) quando afirma que o “[...] infográfico é um recurso de comunicação que utiliza elementos visuais aliados a textos verbais, reduzidos e objetivos, para passar uma informação”.

Teixeira (2007), no mesmo sentido, vem corroborar com esta ideia, ao afirmar que a infografia é um recurso que alia imagem e texto de modo complementar para passar alguma(s) informação(ões). Sempre que se pretende explicar algo, de uma forma clara e, sobretudo, quando só o texto não é suficiente para fazê-lo de maneira objetiva. Como vemos, somente o texto oral de Snow não estava sendo satisfatório para alcançar seus fins.

É em meio a esta impossibilidade de convencimento científico que se estabelece o feito inovador do médico. Ele representa as vítimas do cólera em um mapa simplificado do bairro, com o objetivo de identificar padrões de contágio, considerando a proximidade às bombas d'água e o deslocamento necessário para alcançá-las. Mas o mapa, que entendemos como infografia, não foi feito de maneira aleatória. Tal como descreve Rajamanickan, é necessário uma seleção e planejamento para se utilizar recursos de representação visual:

Construir a representação visual da informação não é mera tradução daquilo que pode ser lido para aquilo que pode ser visto. Implica filtragem da informação, estabelecer relações, diferenciar padrões e representá-los de uma forma que permitam ao leitor compreender que tal informação constrói algo com significado. (RAJAMANICKAM, 2005:2).

Como nos mostra Johnson (2008, p. 177), Snow criou seu primeiro mapa sobre o surto da Broad Street no início de 1854. Em seu formato original, apresentado ao público em um encontro da Sociedade Epidemiológica em dezembro daquele ano, cada morte foi representada por um grosso traço, o que proporcionava um destaque às casas que sofreram uma quantidade significativa de perdas. O excesso de detalhes foi eliminado, preservando-se apenas o traçado das ruas e os círculos que representavam as treze bombas d'água que abasteciam a área de Soho.

O mapa causava um impacto visual impressionante. Era possível observar que onze bombas d'água não apresentavam casos de cólera nas proximidades. A bomba da Little Marlborough Street possuía poucos traços pretos em sua proximidade, nada comparado com a grande concentração de mortes ao redor da bomba da Broad Street. Os traços pretos se amontoavam pelas ruas vizinhas como se fossem vários andares de um edifício. Sem um símbolo que destacasse a bomba d'água da Broad Street, os outros mapas de pontos da epidemia não tinham uma ordem clara. Entretanto, enfatizando a imagem da bomba, o mapa ganhava uma súbita clareza. O cólera não se estendia difusamente sobre o bairro, mas irradiava-se a partir de um único ponto, conforme ilustra a figura abaixo:

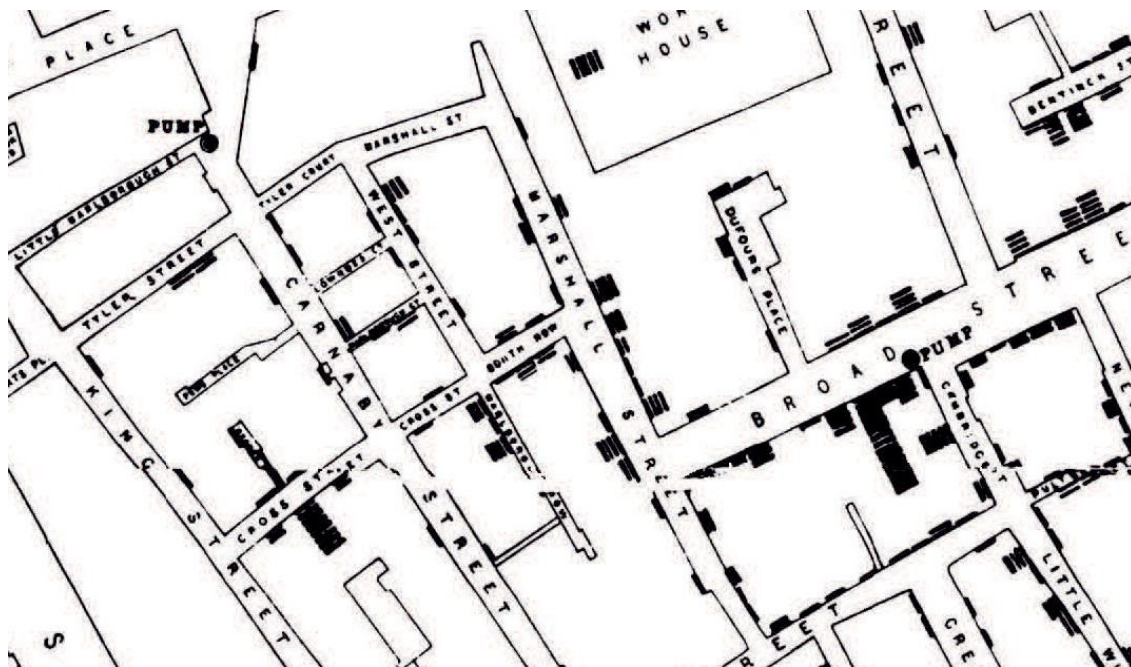


Fig. 1: Mapa de Snow (1854) - trecho comparativo entre a Broad Street e a Little Marlborough Street

A partir do trabalho de Snow, a alça da bomba na Broad Street foi retirada em 8 de setembro de 1854. Embora a epidemia já estivesse em declínio até essa data, a rapidez da sua ação, a lógica da análise e do pragmatismo da resposta fez deste um evento clássico na história da saúde pública. A infografia, tal como a entendemos, cumpriu sua função.

Considerações finais

Ao analisarmos sinteticamente a atitude de Snow frente ao surto de cólera em Londres, no século XIX, consideramos que foi fundamental o uso estratégico da infografia a fim de comprovar sua teoria científica de contágio da doença. Na nossa concepção, mesmo sem uma percepção teórica infográfica, o médico inglês fez uso de elementos visuais como recurso de comunicação para informar as autoridades da época, de maneira didática, como se dava o processo de contaminação da água de acordo com a localização da distribuição das bombas, tal como foi relatado no livro que mostra os fatos que culminaram com a morte de 578 pessoas acometidas pela enfermidade.

Desse modo, consideramos que a utilização da infografia por Snow auxiliou na aceitação dos conteúdos científicos, que precisavam ser difundidos e comprovados na época do surto de cólera e que contrariavam a tese miasmática de contágio, que há muito estava em vigor. Isso foi possível, pois ao recorrer à elaboração de um mapa, que tratamos como infográfico, o médico simplificou este processo de apreensão das informações.

Em outras palavras, ao sintetizar os dados em um mapa, que já traz em seu formato uma dinâmica intrínseca, o pesquisador abriu a possibilidade de o leitor assimilar livremente a informação, no seu tempo e de acordo com a sua vontade. O fato da informação ser particionada em espaços visuais diferentes também garante uma diminuição de itens que possivelmente causariam uma poluição de informações, permitindo ao leitor a concentração no tópico ao qual observa. Na nossa perspectiva, estas estratégias permitidas pela infografia foram cruciais para que a tese de Snow fosse aceita e, conseqüentemente, aplicada no contexto londrino, freando a disseminação do cólera.

REFERÊNCIAS

CAIRO, A. **Infografía 2.0: visualización interactiva de información en prensa** ; 2008. Editora Alamut. Madrid, 2008.

JOHNSON, S. **O mapa fantasma: como a luta de dois homens contra o cólera mudou o destino de nossas metrópoles**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 271 p.

KANNO, M. BRANDÃO, R. **Manual de Infografia Folha de S. Paulo**, 1998. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/8448371/Tipo-Infografia-Kanno>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

LAPOLLI, M.; VANZIN, T.; ULBRICHT, V. R. **Infográficos na Web: uma Proposta Centrada no Usuário Surdo**. HFD, v.2, n.4, p 03 - 11, Florianópolis, 2013.

RAJAMANICKAM, Venkatesh. **Infographics Seminar Handout**. 2005. Disponível em < http://www.schrockguide.net/uploads/3/9/2/2/392267/infographic_handout.pdf >. Acesso em 18 jul de 2016.

TEIXEIRA, T. A presença da infografia no jornalismo brasileiro – proposta de tipologia e classificação como gênero jornalístico a partir de um estudo de caso. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. IX(2): 111-120, mai/ago, 2007.